

As imagens do feminino no discurso da Igreja Católica (1943/1945): tensões e lutas

Érica Amanda de Oliveira¹

Introdução

Inicialmente, fazer menção às questões referentes às mulheres no processo histórico e nos desdobramentos das mesmas implica mobilizar um eixo fundamental de interpretação para este artigo que é a compreensão da mulher como sujeito atuante no movimento da história, como produtora de significados e agente de transformação, em diferentes épocas, condições, lugares e, sobretudo, poderes.

Deste modo, considera-se importante ressaltar que a discussão aqui apresentada tem como objetivo aproximar o leitor da perspectiva de que a mulher em meio às tensões entre o imaginário social² e sua realidade³ subjetiva adentrou lutas silenciosas ou não, mas, que as fez evidenciar suas conquistas ao longo do tempo, ou seja, da história.

A mulher e a história

Atualmente, muitos estudos se voltam às mulheres e às perspectivas de gênero, em busca de dar a conhecer os feitos das mulheres ao longo da história, passando da invisibilidade para a visibilidade, deixando de ser objeto de estudo descrito por homens e passando a ser sujeito produtor de sua própria participação. Sobretudo, desde os anos setenta, ao emergir a *História das Mulheres* como um

¹ Graduada em Psicologia (2016) pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação (2017) pela Universidade Federal do Paraná na linha de pesquisa História e Historiografia da Educação.

² O imaginário social é cada vez menos considerado como uma espécie de ornamento de uma vida material considerada como a única “real”. Em contrapartida, as ciências humanas tendem cada vez mais a considerar que os sistemas de imaginários sociais só são “irreais” quando, precisamente, colocados entre aspas (BACZKO, 1985, p. 298).

³ O “real” da natureza não pode ser captado fora de um quadro conceitual, de princípios de organização do dado sensível, e estes nunca são – mesmo em nossa sociedade – simplesmente equivalentes, sem excessos, sem faltas, ao quadro de categorias construído pelos lógicos (aliás eternamente retocado). Quanto ao “real” do mundo humano, não é somente enquanto objeto possível de conhecimento, é de maneira imanente, no seu ser em si e para si, que ele é categorizado pela estruturação social e o imaginário que este significa; relações entre indivíduos e grupos, comportamento, motivações, não são somente incompreensíveis para nós, são impossíveis em si mesmos fora deste imaginário (CASTORIADIS, 1982, p. 193 *apud* ESPIG, 2004, p. 53).

campo temático, como uma abordagem historiográfica que, marcadamente, promoveu a ruptura com muitos estereótipos e representações das mulheres sendo, talvez, esta, uma das suas características mais expressivas⁴.

Pois, durante os mais de vinte anos muitas transformações aconteceram na *História das Mulheres*, tornando-se possível a compreensão dos papéis e funções sociais desempenhados pelas mulheres em diferentes contextos, com a produção de uma história a partir das relações de gênero⁵, evidenciando que tanto homens como mulheres experienciam de formas diferentes situações de desigualdade e violações similares⁶.

Neste caso, o conceito de gênero aqui apresentado refere-se a uma categoria histórica importante para análise dos acontecimentos e da organização social da relação entre os sexos, como um modo de identificar possíveis construções culturais a respeito dos papéis supostamente adequados para os homens e para as mulheres, ao que tange a raiz unicamente social das identidades subjetivas de homens e de mulheres⁷.

Pontificado de Pio XII na Igreja Católica

Após o falecimento de Pio XI em 10 de Fevereiro de 1939, foi convocado em 1º de Março do mesmo ano o conclave que no dia 2 de Março elegeu Eugenio Maria Giuseppe Pacelli como novo Papa, o qual escolheu para si o nome de Pio XII, sendo seu pontificado longo, contando 19 anos, de 1938 a 1958⁸. Esse período na Igreja

⁴ ALGRANTI, Leila Mezan. Prefácio. In: FAVARO, Cleci Eulalia. *Imagens femininas: contradições, ambivalências, violências*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

⁵ "Penso que deveria-mos nos interessar pela história tanto dos homens como das mulheres, e que não deveríamos tratar somente do sexo sujeitado, assim como um historiador de classe não pode fixar seu olhar apenas sobre os camponeses. Nosso objetivo é compreender a importância dos sexos, isto é, dos grupos de gênero no passado histórico. Nosso objetivo é descobrir o leque de papéis e de simbolismos sexuais nas diferentes sociedades e períodos, é encontrar qual era o seu sentido e como eles funcionavam para manter a ordem social ou para mudá-la" (DAVIS, 1976, p. 90).

⁶ ALGRANTI, Leila Mezan. Prefácio. In: FAVARO, Cleci Eulalia. *Imagens femininas: contradições, ambivalências, violências*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

⁷ "Na gramática "gênero" é compreendido como uma forma de classificar fenômenos, um sistema socialmente consensual de distinções e não uma descrição objetiva de traços inerentes. Além disso, as classificações sugerem uma relação entre categorias que torna possíveis distinções ou agrupamentos separados" (SCOTT, 1995, p. 72).

⁸ Eugenio Maria Giuseppe Pacelli, que se tornou Papa com o nome de Pio XII, nasceu em Roma em 2 de março de 1876, filho de Virginia Graziosi e Filippo Pacelli. Esta foi uma família muito próxima dos escritórios jurídicos da Cúria Romana, o pai era o reitor dos advogados consistoriais e seu irmão, Francesco, era um juriconsulto da Santa Sé e um membro da Comissão do Vaticano que preparava a redação dos Pactos de Latrão (BIOGRAFIA DE PIO XII, 1876-1958).

Católica, durante o pontificado de Pio XII, é compreendido como um dos mais turbulentos, dramáticos e difíceis que a Igreja recorda em dois milênios⁹.

Zagheni (1999) ressalta que Pio XII demonstrava ser uma figura austera, solitária e sincera, muito controlado em suas emoções, mostrando-se realista e prático no relacionamento com as pessoas, mas frio e contido com os velhos amigos. Considerado pastor de um período histórico extremamente difícil, sendo definido como “O Papa de uma humanidade sofredora”¹⁰.

Inclusive por conta de todas as mudanças que aconteciam durante o período de seu pontificado, Pio XII posicionava-se frequentemente de acordo com as demandas sociais, demonstrando-se atento e ativo no debate público no que tange aos aparentes ou tidos pela Igreja Católica como problemas universais¹¹.

A mulher nos discursos da Igreja Católica no pontificado de Pio XII

Durante o pontificado de Pio XII vários foram os debates que atravessaram o momento que ele regia e orientava a Igreja Católica naquele momento. Uma das problemáticas que ele enfrentou publicamente, expressando seu posicionamento, foi em relação às mudanças e transformações no caráter da vida da mulher.

Em um dos seus pronunciamentos ele foi objetivo e claro em mencionar como percebia as relações de gênero naquele momento, inclusive, fez várias referências ao lugar social de adequação para a mulher e para os homens. Mas, sobretudo, em discursos à mulher em algumas ocasiões específicas disse:

Ela tem de concorrer com o homem para o bem da civilização, na qual está em dignidade igual a ele. Cada um dos dois sexos tem o dever de tomar a parte que lhe cabe segundo sua natureza, seus caracteres, suas atitudes físicas, intelectuais

⁹Um homem de grande experiência diplomática adverte que um dos períodos históricos mais perturbados o aguarda. Desde o seu primeiro discurso, a mensagem de rádio *Dum gravissimum*, de 3 de março de 1939, dirigida ao mundo inteiro, expressa sua preocupação com o que teme: “*Nessas horas trêmulas, enquanto muitas dificuldades parecem opor-se à conquista da verdadeira paz, que é a aspiração mais profunda de todos, levantamos, suplicamos a Deus, uma oração especial para todos aqueles que cumprem a mais alta honra e o mais grave fardo de orientar os povos no caminho da prosperidade e do progresso civil*” (BIOGRAFIA DE PIO XII, 1876-1958).

¹⁰ (BIOGRAFIA DE PIO XII, 1876-1958)

¹¹ “A necessidade de iluminar o mundo católico sobre os problemas decorrentes dos novos meios de comunicação social, induz Pio XII para abordar a hierarquia da Igreja ainda um longo e complexo Encíclica, *Miranda prorsus* de 8 de Setembro de 1957, todos dedicados ao cinema, o rádio e na televisão. Neste documento solene, o Papa examina especificamente os três meios e suas relações com a sociedade. Ele os elogia como “*maravilhosas invenções das quais nossos tempos são glorificados*”, mas expressa sua preocupação sobre os perigos que um uso incorreto das técnicas audiovisuais pode constituir para a fé e para a integridade moral do povo cristão” (BIOGRAFIA DE PIO XII, 1876-1958).

e morais. Ambos os sexos tem o dever e o direito de cooperar para o bem total da sociedade, da pátria, mas está claro que, se o homem é por temperamento mais levado a tratar dos negócios externos, os negócios públicos, a mulher tem, geralmente falando, maior perspicácia, tato mais fino para conhecer e resolver os problemas delicados da vida doméstica e familiar, base de toda a vida social, o que não tolhe que algumas saibam realmente dar demonstração de grande perícia também no campo da atividade pública¹².

Por isso, é válido ressaltar que, em relação às mulheres, de acordo com Bourdieu (2007, p. 18), “a força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificação: a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se anunciar em discursos que visem a legitimá-la”.

Deste modo, é importante considerar que ao fazer apologia das funções e lugares específicos para mulher e para o homem, Pio XII estava reforçando padrões de construções culturais de gênero em relação aos limites e possibilidades para o ser mulher e o ser homem. Pois:

O termo “gênero” também é utilizado para designar as relações sociais entre os sexos. Seu uso rejeita explicitamente explicações biológicas, como aquelas que encontram um determinador comum, para diversas formas de subordinação feminina, nos fatos de que as mulheres têm a capacidade para dar a luz e de que os homens têm uma força muscular superior. Em vez disso, o termo “gênero” torna-se uma forma de indicar “construções culturais”. (SCOTT, 1995, p. 75).

Pio XII considera que algumas transformações que ocorriam na vida da mulher e em suas próprias aspirações foram aceleradas pelas circunstâncias da guerra, e pontua que é importante considerar a seriedade do momento que demanda uma reflexão e intervenção, quando diz:

Com a consideração da gravidade da hora, em que se celebra o seu jubileu, é melhor estender o pensamento além da guerra a um fenômeno do procedimento social, favorecido e acelerado pela guerra, mas já começou, e que, em qualquer caso, pergunta a atenção vigilante e intervenção da Igreja com suas forças espirituais: um processo de grande importância moral e religiosa, o que é a transformação ou o derrube da vida feminina no povo ¹³.

¹² Discurso de Papa Pio XII às mulheres de Ação Católica, 21 de outubro de 1945.

¹³ Discurso de Papa Pio XII no XXV aniversário da Juventude Feminina de Ação Católica em 24 de Abril de 1943.

Na ocasião do discurso proferido à juventude feminina de ação católica, Pio XII aponta de modo delicado para um lugar social, para uma função tida anteriormente como natural, mas que vem mostrando-se antiga na vivência das mulheres:

O caráter da vida e a introdução da cultura das mulheres foram, de acordo com a tradição antiga, inspirados por seu instinto natural que, por seu próprio reinado de suas obras, atribuiu a sua família, quando, pelo amor de Cristo, não preferia a virgindade. Retirada da vida pública e das profissões públicas, a jovem, como uma flor crescente, guardada e reservada, estava destinada à sua vocação de noiva e mãe. Do lado de sua mãe, ela aprendeu sobre as tarefas femininas, o cuidado e as tarefas domésticas e participou da vigilância dos irmãos e irmãs mais jovens, levando a cabo sua força, sua ingenuidade e ensinando-se na arte e no governo da casa. Manzoni apresenta na figura de Lucia a expressão literária mais alta e viva desta concepção, as formas simples e naturais¹⁴.

De forma muito sutil e diplomática, ele problematiza o caráter moderno da feminilidade que se instaura como uma nova perspectiva de cultura rompendo com a idealização de seu aparente lugar e função social:

Hoje, pelo contrário, a figura feminina antiga está mudando rapidamente. Se vê a mulher, e especialmente a jovem, sair de seu retiro e entrar em quase todas as profissões, como campo de vida e ação exclusiva do homem. Primeiro tímido, então cada vez mais forte do que esta revolta, há muito se manifestou, causado principalmente pelo desenvolvimento da indústria no progresso moderno. Mas por alguns anos, como uma inundação que sobrepõe os bancos, ganha todas as resistências, as fileiras femininas parecem ter penetrado toda a terra da vida das pessoas. Que, se tal corrente ainda não se espalhou por toda parte, não é difícil encontrar o seu curso, mesmo na aldeia montanhosa mais remota; enquanto no labirinto das grandes cidades, como nas oficinas e nas indústrias¹⁵.

Pio XII fez considerações quanto à nova condição social das mulheres que requer um exame de sua situação, visto que a Igreja precisaria enfrentar o debate e não ignorá-lo, visando o futuro dos povos:

¹⁴ *Ibidem*.

¹⁵ *Ibidem*.

Diante desta nova condição social da mulher o que devia fazer a Igreja? Podia negar ou ignorar o fato e não reconhecer a sua importância? Em outra ocasião, considerando o lado moral, apontamos as conseqüências decorrentes para a virtude das pessoas singulares. Dissemos, isto é, que tal novo enredo de vida não é um mal em si mesmo, mas ordinariamente não é privo de perigos. Não podemos excluir nem atenuar tais perigos nem mesmo quando, como fazemos hoje, queremos examinar a moderna situação das mulheres no que se refere ao bem comum e o comportamento futuro do próprio país e de outros povos.

Com base na problemática posta em reflexão por Pio XII, quanto às transformações da vida ordinária da mulher, é possível identificar que em seus discursos ele faz críticas à estrutura social que tem corroborado expressivamente com estas mudanças:

A estrutura atual da sociedade, que tem como base a igualdade absoluta entre mulher e homem, baseia-se numa falsa suposição. É verdade que homem e mulher são, em relação à personalidade, de igual dignidade e honra, mérito e estima. Mas eles não combinam em tudo. Certas qualidades, inclinações e disposições naturais são próprias apenas para o homem ou para mulher, ou seja, elas são atribuídas a eles em diferentes graus e valores, em alguns a mais para o homem, em outros a mais para a mulher, à maneira que a natureza tem para eles também forneceu campos e escritórios de negócios separados. Não estamos lidando aqui com capacidades ou disposições naturais secundárias, como as inclinações ou atitudes em relação às letras, artes ou ciências; mas qualidades de eficácia essencial na vida da família e do povo. Agora, quem não conhece essa natureza, pode a ela recorrer? Por isso, continua a ser visto e aguardado, sem impor, uma correção da estrutura social de hoje.

Notoriamente em um momento de transição onde a mulher desocupava seu lugar de tradição e se permitia ter em vista outros ideais, esta conduta era percebida como uma ameaça em longo prazo, a qual Pio XII denominava como defeito da estrutura social:

Pode-se dizer que tal defeito constitui sim um perigo, mas em longo prazo, um perigo que não ameaça a sociedade ou a enfrenta imediatamente, especialmente em casos individuais, em que, especialmente as difíceis condições do tempo presente são ponderadas, vale a pena por enquanto apenas se atentar e

acompanhar. O que define a idéia em pensamento, no entanto, é a consideração das circunstâncias em que essa inversão ou transformação da natureza e da vida da mulher ocorre (...). Mas muitos parecem tão cegos pelo esplendor deslumbrante do conhecimento materialístico e do bem-estar que em sua visão intelectual interna tem deixado o que é super sensível e sobrenatural desaparecer cada vez mais. O vazio e o abismo espiritual, que se abre neles, são estudados para preenchê-lo com as representações e manifestações diárias da cultura terrena, com uma filosofia dos sonhos, com tudo o que o mundo, mesmo na vida difícil de hoje, ainda oferece, distrações, luxo, divertimentos e prazeres.

Ao fazer o enfrentamento quanto às mudanças no caráter da vida feminina, Pio XII elenca em seu discurso uma tripla dimensão de perigo no respectivo tempo, tratando-se da mulher, do casamento e das pessoas (povos).

Quanto à jovem mulher, Pio XII ressalta a preocupação com a forma diferente com que estas canalizam suas energias e ideais, demonstrando em sua problematização que os recursos e forças designadas pela natureza à jovem seriam perdidos e deixariam de efetivar o ciclo vital de sua trajetória de maneira funcional:

Para a mulher – I. Em primeiro lugar, um perigo em relação às mulheres. Vamos imediatamente indicá-lo na sua forma extrema. Conhendo o destino das meninas, que, especialmente nas grandes cidades, acabaram de atingir a idade da adolescência, deixam a família a procura de um lugar. A miragem é alucinante: independência de qualquer sujeição, possibilidade de mostrar luxo, liberdade sem restrições, capacidade de fazer amigos, assistir a cinemas, se entregar aos *esportes*, começando no sábado em grupos felizes, retornando na segunda-feira e sempre escapando dos olhos de sua família. A retribuição elevada, que freqüentemente usam, é muitas vezes o preço da perda de sua inocência e pureza. As forças da natureza, que lhes eram reservadas para fundar uma família mais tarde, para onde vão? São dissipados em prazeres e culpa. Naturalmente, ao lado desta procissão de jovens desfavorecidos e infelizes, há uma série de outros, cada vez menos compreendidos por tanto mal, até aqueles que, em meio a todos os perigos, são conhecidos por manterem-se puros e fortes. Seria uma ilusão, no entanto, acreditar que a classe extrema só se junta em regiões distantes das cidades do mundo. Desafortunadamente, encontra-se no meio das nossas boas pessoas vê-se o caminho fatal.

Por isso, Michele Perrot¹⁶ descreve que ainda no ocidente contemporâneo, no século XIX ou XX, as mulheres investiam no privado, em grande medida no familiar e mesmo no social e, também, na sociedade civil. Evidenciou que as imagens de representações das mulheres é tema de muitas investigações históricas e antropológicas, sendo numerosas e antigas, porém essas representações frequentemente são moduladas por Gênesis que elucida a “potência sedutora da eterna Eva” (PERROT, 1988, p. 168), promovendo a figura do feminino que recobra ser negada por trazer ameaça para o “triunfo de uma ordem dos homens”¹⁷.

Porém, pode-se observar que Pio XII destaca a conduta feminina como a que estaria fugindo do adequado, sendo responsável por deixar de ser escolhida para um casamento *de acordo com a lei de Cristo* e partindo destas muitas vezes a recusa por tal compromisso:

*Para o casamento – II. Deste surgir outro perigo para o casamento. As mulheres jovens, como descrito acima, normalmente não são escolhidas para o casamento, e ainda menos para o casamento de acordo com a lei de Cristo. Muitas vezes estas mesmo o rejeitam como uma cadeia, e quantos outros estão contaminados pelo mesmo mal, embora em menor grau! Por outro lado, também o homem, que no vigor de sua juventude conduziu uma vida dissoluta, como um santo, uma "união casta" poderia ser constituída em fidelidade conjugal (*Encíclica de Sua Santidade Pio XI* 31 de dezembro de 1930). Todos conhecem o ideal dos casamentos cristãos, que nós mesmos tentamos ensinar aos recém-casados que nos visitam. Como esse ideal poderia resplandecer e prosperar, se o seu pressuposto, a marca cristã da vida e da cultura tendem cada vez mais a desaparecer?*

Inclusive, se pensarmos nas produções especificadas para as mulheres ainda no século XIX como “livros de cozinha, manuais de pedagogia, contos recreativos ou morais constituem maioria. Trabalhadora ou ociosa, doente, manifestante, a mulher

¹⁶ “Na sociedade francesa do século XIX, predominam as imagens de um poder conjuntivo, circulando no tecido social, oculto, escondido, secreto mecanismo das coisas. Segundo um viajante inglês dos anos 1830”, “embora juridicamente as mulheres ocupem uma posição em muito inferior aos homens, elas constituem na prática o sexo superior. Elas são o poder que se oculta por detrás do trono e, tanto na família como nas relações de negócios, gozam incontestavelmente de uma consideração maior do que as inglesas” (PERROT, 1988, p. 168) – citando Théodore Zeldin, *Les Français*, Paris, Laffont, 1983, p. 403.

¹⁷ Perrot (1988, p. 168) elenca essa citação de S. Michaud, op. Cit., II, p. 737 compartilhada por ela como nota de rodapé em sua produção.

é observada e descrita pelo homem” (PERROT, 1988, p. 186). Deste modo, por conseguinte, como “militante, ela tem dificuldade de se fazer ouvir pelos seus camaradas masculinos, que consideram normal serem seus porta-vozes” (Ibdem).

Quanto às pessoas de modo geral (os povos), Pio XII destaca o possível declínio das virtudes e o prejuízo para os povos de os fundamentos religiosos e morais forem perpassados por todas essas mudanças:

Para as pessoas – III. Finalmente, o terceiro perigo diz respeito às pessoas, que sempre atraíram suas forças, seu aumento, sua honra da família saudável e virtuosa. Se isso for prejudicado em seus fundamentos religiosos e morais, o caminho está aberto ao pior dano às instituições sociais e à própria pátria.

Nestes pronunciamentos, à Juventude Feminina de Ação Católica Italiana, marcados pelos seus vinte e cinco anos de atividade, Pio XII expressa seu legado para pelo menos os próximos vinte e cinco anos, enaltecendo a conservação, a preservação e a defesa da família cristã:

Vocês esperam agora, amadas filhas, a palavra do Vigário de Cristo para os próximos vinte e cinco anos da Juventude Feminina da Ação Católica Italiana. Depois do que dissemos, não poderia ser de outra forma, senão como um impulso para a conservação, a preservação, e a defesa da família cristã. Sua ação pode entender toda uma variedade de outros propósitos e se esforçar para alcançá-los. Mas o primeiro cuidado deve ser encaminhado para a família, como vocês indicam em seu programa. É uma entrega urgente e ao mesmo tempo cheio de esperança. Os italianos ainda possuem poderosas forças religiosas e, em alto grau, a vontade e o sentimento católico, sorriam e guiai por este pensamento.

Deste modo, pode-se pontuar que as enunciações de Pio XII fazem um apelo à educação cristã da juventude com cunho de resistência a estas mudanças sociais. Por isso, ele, ao ter a oportunidade de se pronunciar diretamente ao público ao qual alcançaria maior efetividade, as jovens mulheres, visa, então, incutir valores religiosos e morais a fim de convocá-las a resistirem às mudanças:

Mas como e por onde começar? Vocês já definiram suas intenções nos próximos vinte e cinco anos. O começo deve ser retirado da educação cristã da juventude, que é fruto e raiz da família. Podemos atrasar, na expectativa incerta de que as

forças saudáveis da natureza e do desenvolvimento social encontraram um equilíbrio ideal entre a forma antiga da vida feminina e o extremo contraste de hoje? Em vez disso, devemos nos esforçar para garantir, da melhor maneira possível, a grandeza da família cristã e seus elementos essenciais e sempre indispensáveis de acordo com a antiga tradição católica, sua força também nas novas condições da vida. Para isso, é talvez suficiente para ensinar e explicar aos cônjuges por ocasião do casamento o significado e a dignidade do casamento cristão e os deveres dos cônjuges católicos? Somente se eles são tão importantes e eficazes que tal ministério e ensino estão em causa, será uma vantagem profunda e duradoura, quando os jovens serão prontamente informados e educados sobre a fé viva, pureza moral e autodomínio.

O recurso que Pio XII percebia como estratégia de enfrentamento para a realidade permeada de mudanças e transformações se aplicava à formação das jovens mulheres, que poderiam vir a aderir seus constructos de moral e religiosidade tornando-se capazes de, em alguma medida, neutralizar a potência das mudanças e transformações que vinham passando suas vidas.

O jogo de resistência, originado dessas tensões, atuou previamente como componente para adiar o impacto nas diferentes esferas da sociedade que demandaria uma reorganização estrutural. Condição que dividiu forças entre o ideal da liberdade e poder para o masculino e feminino, e o ideal de relação entre os sexos, em uma luta¹⁸ de lugar e espaço¹⁹.

Sendo assim, Pio XII elencou três dimensões necessárias para se trabalhar a formação das jovens mulheres, a vivência da fé, a pureza moral como dignidade da mulher e o autodomínio.

Em relação à vivência da fé Pio XII ressaltou que:

¹⁸ “O espaço da casa não é simplesmente um espaço protegido mas, ao contrário, palco de muitas lutas. Estas também ocorrem pelo exercício do poder feminino no interior das famílias” (ALGRANTI, 2002 *apud* FAVARO, 2002, p. 14).

¹⁹ “O século XIX levou a divisão das tarefas e a segregação sexual dos espaços ao seu ponto mais alto. Seu racionalismo procurou definir estritamente o lugar de cada um. Lugar das mulheres: maternidade e a casa cercam-na por inteiro. A participação feminina no trabalho assalariado é temporária, cadenciada pelas necessidades da família, a qual comanda, remunerada com um salário de trocados, confinada as tarefas ditas não-qualificadas, subordinadas e tecnologicamente específicas” (PERROT, 1988, 186-187).

Viver a fé – I. Educação primeiramente de fé e fé viva. Queremos dizer esta palavra em um duplo sentido. Em primeiro lugar, no sentido de uma fé consciente e sentida. Mas o exercício da fé e sua prontidão podem variar, como nos homens, também em tempos e de acordo com as diferentes condições da sociedade. Na idade de seus antepassados, cada um foi trazido e arrastado pela ampla torrente da vida religiosa, para demonstrar e agir abertamente como católico. Hoje, se não em todos os países e regiões - máximo nesta Itália de tradições católicas profundas e nobres - em muitos lugares, a influência pública da fé diminuiu. Por conseguinte, é apropriado que a juventude não seja ignorante, mas penetre por sua fé e, portanto, expresse fortemente na consciência a dignidade do ser e da vida católica podendo dizer na idade madura: "Eu sei em quem eu coloquei fé" (2 *Tim* 1, 12).

Mas, além disso, a fé, principalmente na jovem, tem que estar viva, viva pela esperança, viva pela caridade com a qual ela opera. Este é o segundo sentido em que tomamos a palavra "fé". Aqueles que se propõem a liderar uma vida inteiramente católica devem estar em estado de graça, dedicados à oração e em união íntima com Cristo. Talvez não seja o sopro do Espírito Santo que ressuscita e revive o zelo da oração com sensibilidade no cristianismo e chama, excita os fiéis às fontes eucarísticas da graça, que purificam e dominam o fermento das paixões nascentes e nutrem as raízes de todas as virtudes? Deixe a sua palavra educadora ser um convite e um estímulo, de modo que, desde a infância, o adolescente experimente a prática da oração como delícia do coração, emergindo de um dever diário sério.

Em relação à pureza moral como dignidade da mulher Pio XII pontuou:

Pureza moral - dignidade da mulher – II. Da fé, se é fé viva, a pureza moral deve prosseguir. Em torno do mistério da nova vida e das suas fontes naturais, a juventude é educada para pensar sempre em santidade, lembrando que é obra do Criador e meditando que Cristo, ao criar o casamento à dignidade de um sacramento, então com sua habitação no ventre da Virgem Ele santificou a maternidade e deu-lhe tal alta nobreza. Assim, você pode inferir o comportamento forte, ativo e constante da jovem católica contra publicações e representações, em cuja conduta nada mais aparece se não uma sensualidade audaz, entregando violações da fidelidade conjugal, linguagem equívoca, quando nem mesmo procura abertas de cenas. Para se opor a tais manifestações, que, pelo menos em muitos casos, Eu sou ao mesmo tempo uma transgressão das leis providentes do Estado, sempre há uma arma poderosa: abstenção absoluta! Se, para o efeito, o seu trabalho e o seu apostolado com a juventude, o seu zelo e a sua prudência

conduzam, uma grande vitória seria a coroa de seu trabalho e seus esforços para a proteção e santidade do casamento e, portanto, para o bem do seu país!

Em seguida, educar a juventude católica naquela alta e santa dignidade, na qual existe uma defesa tão franca e válida da integridade física e espiritual. Este orgulho virtuoso e indomável é um grande valor do espírito, que não pode ser reduzido a servidão; que reforça o vigor moral da mulher, que, intacta, se entrega apenas a seu marido para o fundamento de uma família ou de Deus; que proclama seu orgulho e glória a vocação sobrenatural e eterna, como escreveu São Paulo aos primeiros cristãos: "Porque fostes comprados por um grande preço. Glorificai, pois, a Deus no vosso corpo" (*1 Coríntios 6:20*).

Dignidade e liberdade da mulher, que nem sequer é escrava da moda! Este é um argumento delicado, mas convincente, em que sua ação incessante permite que vós aguardes sucessos. O seu zelo, no entanto, contra a roupa e as atitudes imodestas, não atente novamente, mas construa, mostrando praticamente ao mundo feminino como uma jovem pode harmonizar-se em suas roupas e trazer as leis superiores da virtude com as regras de higiene e elegância. É de se esperar que uma pequena parte das mulheres italianas, isto é (e muitos) que tenham permanecido saudáveis no pensamento e no coração, não demorará ou duvidará a seguir seu exemplo.

Em relação ao autodomínio Pio XII evidenciou:

Autodomínio – III. Da fé viva e da pureza moral, deve gerar esse domínio de si mesmo, que crianças, meninos e meninas, muitas vezes classes inteiras ou Institutos, em várias ocasiões nos mostraram alternativamente e ternamente, oferecendo-nos tão pouco tesouro espiritual suas poucas renúncias e suas mortificações: renúncias e mortificações, que, muitas vezes narradas com palavras de devoção filial e carinho, nos tocaram nas profundezas da alma. Essas crianças com uma educação cristã aprendida aprenderam a lutar e superar-se em anseios e desejos, inclinações e seduções, conquistando a palma da mão que os confirma no progresso do bem e na virtude para crescer, com a ajuda da graça. , que nunca falhará, e formará esse caráter de uma pessoa franca e tenaz de intenções e ação, que os mantém fiéis a Deus, dedicados à Igreja, úteis para o seu país e suas famílias. Não, sem sacrificar, não procedemos a grandes coisas. Os covardes e pusilânimes não conquistam o céu.

A concepção de que a mulher a frente do governo coloca em risco a sua funcionalidade devido agir por seus caprichos, visto que segue seus pensamentos e

inclinações e deixam de agir de acordo com a coletividade²⁰. Demonstrando a inaptidão das mulheres em governar, mesmo sendo a família, atribuindo a elas um estado contínuo de infantilidade, mas, mesmo com essas visões a respeito delas, confiam a ela algumas atribuições dentro de alguns limites (casa, família e núcleos da esfera privada)²¹.

Sendo que no século XIX aumenta a racionalidade da divisão sexual, onde cada sexo tem seus papéis, sua função, seus espaços e suas tarefas, simultâneo com os discursos dos ofícios que torna mais sexuada possível a linguagem do trabalho, reforçando por meio da economia política essa perspectiva que o homem segue pelo viés da produção, a mulher do consumo, e ambos cooperam na reprodução²².

Possibilitando cogitar no século XIX um triplo movimento²³: 1) “relativo retraimento das mulheres em relação ao espaço público”; 2) “constituição de um espaço privado familiar predominantemente feminino”; e 3) “superinvestimento do imaginário e do simbolismo masculino nas representações femininas” (PERROT, 1988, p. 180). Com isso, delinear estas questões é ressaltar o exercício do poder da ação das mulheres que ordenou a “o poder privado, familiar e materno, a quem eram destinadas” (Ibdem), sendo que a mulher atuava além do lar, agindo na cidade, e elencar suas intervenções sejam elas, formais ou informais, pontuais ou habituais, seria uma tarefa longa (PERROT, 1988, p. 181).

Essas proposições demonstram o enraizamento das visões sobre a mulher e sobre o homem ao longo do movimento da história, nos permitindo observar que as mulheres “tendem a depreciar a política, a valorizar o social e o informal, assim interiorizando as normas tradicionais. É uma vez mais, todo o problema do

²⁰ PERROT (1988, p. 178) cita S. Michaud, op. Cit., II, p. 815.

²¹ PERROT (1988, p. 178) cita Auguste Comte em relação a “inaptidão radical do sexo feminino para o governo, mesmo da simples família”.

²² “A concepção de uma economia doméstica feminina se desenha nos tratados do final do século XVIII e início do século XIX”. A “linguagem da empresa, da “ciência” doméstica e da dona-de-casa como uma verdadeira “patroa” se desenvolve no século XIX, tanto na Inglaterra como na França. A administração do orçamento PE o pivô desse ramo da economia política. Mais tarde, no século XX, com a eletricidade e as “artes domésticas”, a dona-de-casa se tornará uma espécie de engenheira, comandando as máquinas de uma cozinha-fábrica”. (PERROT, 1988, p. 178-179).

²³ Algumas ressalvas são feitas pela autora: “Primeiramente nem todo o público é “político”, nem todo público é masculino. (...) Por outro lado, nem todo privado é feminino. (...) A fronteira entre o público e o privado é variável, sinuosa e atravessa até mesmo o micro-espaço doméstico” (PERROT, 1988, p. 180).

consentimento que ai se coloca” (PERROT, 1988, p. 184). Os tencionamentos que se estenderam ao longo de toda história das mulheres em relação aos homens estabeleceu obstáculo na difusão de relações recíprocas e igualitárias, levando a identificar o que está em disputa ocupando o centro dos debates acerca desta problemática: “a questão do poder esta no centro das relações entre homens e mulheres” (Ibdem).

Enfim, encarar com base no senso comum as reivindicações contemporâneas por direitos, lugar, espaço e igualdade é como uma ocorrência desligadas de contextos, situações, contingências específicas, é necessariamente equivocar-se, frente a significativas constatações históricas que nos leva a refletir o quanto precisaríamos ter ao menos superado grande parte das desigualdades, ainda existentes atualmente.

Considerações finais

Em termos míticos nota-se a larga construção de imagens de mulher idealizada ora como santas, ora como deusas, ora como demoníacas, perversas e sedutoras²⁴. Ora como santas quando atendem a tradição da Igreja em preservar fundamentos religiosos e morais. Ora como deusas, quando assumem a postura de exemplo, modelo e estímulo para as demais jovens mulheres de sua época. Ora como demoníacas, perversas e sedutoras, quando passam a ser responsabilizadas pelo declínio da moral e dos princípios religiosos, consentindo com a saída de casa em busca de novas oportunidades, deixando de preservar a pureza se entregando a prazeres e sendo amante de modas que deixam a modéstia de lado.

Em termos estratégicos, as figuras que se tem historicamente tangem os “serviços” executados pelas mães vistas como salvadoras, pois exercem para a Igreja Católica seu papel de origem e de caráter valoroso; pelas trabalhadoras sacrificadas quando se iludem com propostas de sucesso e perdem sua ingenuidade em busca de igualar-se aos homens; pelas prostitutas vistas como “mal necessário” à manutenção da família quando deixam a pureza e modéstia para aventurar-se na cultura terrena corrompendo-se por acompanhar o progresso civilizatório²⁵.

²⁴ PERROT (1988, p. 167-213)

²⁵ Ibdem.

Contudo, conclui-se que estabelecer uma relação com a história vivida pelas mulheres no passado nos permite humanizá-la; por vezes, ecoam mitos heróicos de homens e mulheres, poucas vezes ecoam a humanidade e intensidade dos fazeres de homens e mulheres que estando nas margens²⁶ (no limite) constroem prontamente possibilidades de transformações, para si mesmos e para todos, partindo da individualidade para a coletividade, mantendo objetivos comuns.

Referências

- ALGRANTI, Leila Mezan. **Prefácio**. In: FAVARO, Cleci Eulalia. *Imagens femininas: contradições, ambivalências, violências*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- BACZKO, B. Imaginação social. In: *Enciclopédia Einaudi. Antropos-Homem*. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1985, p. 296-332.
- BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Trad. Maria Helena Kühner. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- DAVIS, Natalie Zamon. Women's history in transition: the European case. *Feminist Studies*, n. 1, p. 83-103, 1976.
- ESPIG, Márcia Janete. O conceito de imaginário: reflexões acerca de sua utilização pela História. *TEXTURA: Canoas*, n. 9, p. 49-56, 2004.
- FAVARO, Cleci Eulalia. **Imagens femininas: contradições, ambivalências, violências**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- PIO XII. Discurso no XXV aniversário da Juventude Feminina de Ação Católica em 24 de Abril de 1943.
- PIO XII. Discurso às mulheres de Ação Católica, 21 de outubro de 1945. In: CHINIGO, Michael. **Pio XII e os problemas do Mundo Moderno**. Tradução de Pe. José Marins. São Paulo: Melhoramentos, 1960.
- PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. Tradução: Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2008.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, v. 15, n. 2, p. 71-97, jul./dez. 1995.
- ZAGHENI, Guido. **A idade moderna: Curso de História da Igreja III**. ed. 3. São Paulo: Paulus, 2014.

²⁶ No livro "Nas margens" Davis (1997, p. 13) ressalta que é preciso pensar na situação das mulheres buscando "ver as vantagens que tiveram por se situarem nas margens", pois todas encontraram alguma coisa a mais dentro dos limites que tinham, evidenciando a ousadia de todas.